

RESENHA

PEREIRA, MARCOS AURELIO. *Quintiliano Gramático – O papel do mestre de Gramática na Institutio Oratoria*. Publicado em 2000 pela Humanitas-FFLCH-USP, Coleção Letras Clássicas, 196 páginas.

Através de sua publicação sob a forma de livro, Marcos Aurelio Pereira dá a público, em versão parcialmente modificada, sua dissertação de mestrado, defendida na USP em 1997, a qual teve como orientador o latinista Antonio da Silveira Mendonça e como objeto os “capítulos gramaticais” do primeiro livro da *Institutio Oratoria* (*Educação Oratória*) de Quintiliano (36?-96?d.C). Nessa escolha reside já a originalidade do trabalho que é a de dar a ver ao leitor, para quem o nome de Quintiliano está associado à Retórica e, principalmente, ao estudo das figuras de linguagem, uma outra face desse autor, a enunciada no título *Quintiliano Gramático*. Essa face aparece desdobrada no texto. Em uma primeira parte, Marcos Aurelio Pereira situa Quintiliano no seu tempo, na história da gramática grega e romana, no que dessa gramática vem alimentar sua reflexão sobre a prática de formar oradores. Essa parte se compõe de três capítulos, um sobre a vida e obra de Quintiliano; outro, intitulado “A gramática antiga: suas origens e vinculações”; e o terceiro sobre os “capítulos gramaticais” da *Institutio Oratoria*. Em uma segunda parte, Marcos Aurelio Pereira coloca o leitor diante do próprio texto de Quintiliano, em latim (edição de Jean Cousin, publicada pela Belles Lettres em 1975), ou melhor, de seus “capítulos gramaticais” (IV ao IX do Livro Primeiro da *Institutio Oratoria*) acompanhados da tradução que ele próprio fez para o português, a primeira de que se tem conhecimento.

Para dizer da relevância desse trabalho, trago ao leitor a epígrafe que o autor usou na Conclusão (p. 83) do que estou chamando de primeira parte do livro. Trata-se de uma citação de Auroux (1992: 62): “A história da gramática latina não termina, evidentemente, com os gramáticos latinos.” Essa epígrafe condensa, a meu ver, o movimento do autor no sentido de mostrar como o voltar-se para o pensamento da Antiguidade Clássica sobre a linguagem pode levar ao reconhecimento de que, ainda que determinado por fins historicamente delimitados, esse pensamento sobrevive em nossa tradição gramatical. Segundo Jean-Claude Milner

(1989: 62 e 128), é essa tradição gramatical que fornece ainda hoje ao lingüista um instrumento de observação, isto é, uma “gramática mínima” que lhe permite uma descrição *prima facie* do fato lingüístico. É importante ainda lembrar, como assinala Marcos Aurelio Pereira, que, no que se refere particularmente a Quintiliano, foi em sua obra que se buscou no Renascimento o modelo de uma pedagogia humanista.

Essa mesma epígrafe me serve para dizer da surpresa que é reencontrar nos “capítulos gramaticais” as questões controversas com que se debateram os filósofos gregos e os gramáticos alexandrinos, tratadas de um modo a reavivar no leitor questões que a teoria lingüística contemporânea se tem empenhado em ignorar. Ainda que, para Quintiliano, a Gramática seja a arte de falar corretamente, sendo o seu ensino um passo anterior ao da Retórica na formação do orador, o que há de normativo em sua exposição não se apresenta como algo dado de antemão ou determinado por regras gerais. Seja quando trata da proferição correta das palavras e de sua grafia, seja quando se debruça sobre o que qualifica como vícios de linguagem, empenha-se em opor exemplos a contra-exemplos, para demonstrar que o que faz de uma forma ou de uma expressão um barbarismo ou solecismo a ser evitado comparece em outra forma ou expressão considerada correta (ver capítulo V). Ainda com referência aos vícios, acrescenta que “é amiúde difícil distingui-los das figuras” (V, 5, p. 107), assim como menciona o fato de que, nos poetas, encontram-se vícios que valem como figuras de linguagem.

As observações acima vão ao encontro do que Marcos Aurelio Pereira afirma sobre o distanciamento crítico em que Quintiliano se manteve diante dos analogistas e dos anomalistas, em nome do critério que erigiu como base do julgamento do gramático e do mestre de gramática: o critério do uso, do uso dos poetas e dos escritores em geral. Não estariam implicados nesse critério tanto o que há de contingente na língua quanto o efeito retórico ou poético do que escapa à regra, à analogia, vindo assim a assumir um lugar na fala/uso da linguagem?

Este livro, segundo nos diz seu autor na Introdução, é parte de um trabalho maior sobre Quintiliano. Espera-se que nele o autor dê prosseguimento ao que cumpriu até aqui, ao ter propiciado o acesso do leitor brasileiro a uma tradução correta e fluente dos “capítulos gramaticais” de Quintiliano, além de, no texto que os precede, ter

apresentado a perspectiva histórica necessária para a avaliação de sua pertinência hoje.

Cláudia T. G. de Lemos

Referências Bibliográficas

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 134p.

MILNER, J. C. **Introduction à une science du langage**. Paris: Editions du Seuil, 1989, 701pp.

